

Ester Nunes Bibas: vida e obra da educadora e escritora vigiense (1888-1972)

Ester Nunes Bibas: vida y obra de la educadora y escritora vigiense (1888-1972)

Ester Nunes Bibas: life and work of the educator and vigiense writer (1888-1972)

Paula Maíra Alves Cordeiro

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar a trajetória de Ester Nunes Bibas, enquanto mulher, educadora e escritora, e resgatá-la do passado com o desejo de remover sua atual condição de invisibilidade na literatura paraense. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, foi possível embasar teoricamente a escrita deste trabalho e relacionar a carreira da autora com a trajetória percorrida pelas mulheres de letras nascidas no século XIX; as dificuldades encontradas com relação à educação e produção de escritos de mulheres no século XX; e revelar, em sua produção literária, especificamente a do livro *Rimas do Coração*, a presença das memórias da autora.

Palavras-chave: Ester. Paraense. Literatura. Memórias.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar la trayectoria de Ester Nunes Bibas, en la calidad de mujer, educadora y escritora, y rescatarla del pasado con un deseo de quitar su actual condición de invisibilidad en la literatura paraense. Por medio de una investigación bibliográfica fue posible basarnos teóricamente la escritura de este trabajo y relacionarlo la carrera de la autora con la trayectoria hecha por las mujeres de letras nacidas en el siglo XIX; las dificultades encontradas con relación a la educación y producción de escrituras de mujeres en el siglo XX; y revelar, en su producción literaria, específicamente del libro *Rimas do Coração*, la presencia de los recuerdos de la autora.

Palabras clave: Ester. Paraense. Literatura. Recuerdos.

Abstract: This paper aims to show the trajectory of Ester Nunes Bibas as a woman, educator and writer; and to rescue her from the past with the desire to remove her actual condition of invisibility in Paraense Literature. By means of a bibliographic research, it was possible to give theoretical base to this work and to relate the career of the writer with the trajectory made by women of letters that were born in the 19th century; the difficulties found in relation to education and production of women's writings in the 20th century; and to reveal, in her literary production, specifically the book *Rimas do Coração*, the presence of the author's memoirs.

Keywords: Ester. Paraense. Literature. Memoirs.

Paula Maíra Alves Cordeiro – Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pela Universidade Candido Mendes (UCAM) e Professora de Língua Portuguesa da Rede Pública de Ensino pela Secretaria Estadual de Educação (SEDUC).
E-mail: paulamaira16@gmail.com

INTRODUÇÃO

O interesse em trabalhar a poeta Ester Nunes Bibas e suas poesias surgiu no último ano de graduação, durante uma visita à Biblioteca Pública “Arthur Viana”, localizada na cidade de Belém. Eu estava no departamento de obras raras da biblioteca, realizando uma pesquisa em jornais antigos para meu pai e, ao folhear o livro catalográfico das obras que estavam disponíveis, encontrei, por acaso – ou será destino? – o nome da autora e que ela possuía um livro de poesias intitulado *Rimas do Coração*. Foi por meio desse livro que descobri Ester e que a poeta era vigiense, assim como eu.

É de grande importância versar sobre Ester e seus escritos, pelo fato de que, embora ocorra uma forte valorização dos poetas e escritores vigienses, há, por outro lado, o esquecimento de autoras femininas, sendo observada a pouca presença e divulgação dessas mulheres no meio intelectual e social vigiense até os dias de hoje. As escritoras vigienses não são conhecidas, lidas, pesquisadas e valorizadas, o que provoca a invisibilidade delas no meio literário não só vigiense como também paraense.

Segundo Duarte (2009, p.18), as mulheres de letras do século XXI, dentre muitas responsabilidades, possuem a de contar a história apagada das importantes mulheres de outrora. Por isso, eu, enquanto mulher de letras, escolhi falar de Ester e de sua poesia como forma de agradecimento e admiração a ela e tantas outras que tornaram possível que, hoje, nós fizéssemos parte dessa história, a história das “mulheres de letras”.

1. A trajetória de uma mulher das letras



(CORRÊA, 2017)

Ester da Costa Porto Nunes nasce em Vigia, cidade localizada no nordeste do Estado do Pará, no dia 05 de junho de 1888 e falece em 27 de outubro de 1972, aos 84 anos. É filha de Constantina da Costa Nunes e de Gratuliano da Silva Porto Nunes, sobrinha do professor Bertoldo Nunes e prima do poeta Tomaz Nunes. Durante a infância, reside em Vigia e, como muitas mulheres nascidas no século XIX, inicia os estudos no espaço do lar, sendo alfabetizada pela mãe, que era professora, uma vez que “A educação das moças de famílias abastadas era realizada nas próprias casas, sob a orientação de pais e preceptores.” (LOPES, 2011, p.119).

Ester cresce em um contexto familiar fortemente ligado à educação e às artes. Seus pais, tios e primos pertencem ao mundo das letras, o que, sem dúvida, influencia diretamente sua vida e faz com que se torne uma mulher letrada desde a infância, no século XIX e, posteriormente, apresente uma atuação intelectual voltada para as letras durante do século XX. Os privilégios de Ester por

pertencer a uma família importante na cidade foram fundamentais para sua caminhada como mulher letrada, porque lhe permitiram o contato com o mundo das letras, além da presença e incentivo da família para que adquirisse o gosto pela leitura desde seus primeiros anos, pois, como afirma o trecho a seguir:

Durante o século XIX, a educação recebida pelas mulheres era, portanto, privilégio de uma minoria rica. Como regra, as meninas pobres não recebiam qualquer espécie de educação formal, interessando aos pais mais o aprendizado das prendas domésticas do que o da leitura e da escrita. (LOPES, 2011, p.119).

Em 1902, aos 14 anos, Ester torna-se sócia da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto¹”, da qual seus pais e familiares próximos também faziam parte. Essa Sociedade foi fundada em 01 de outubro de 1871, sendo idealizada por jornalistas, escritores e políticos que pertenciam à classe intelectualizada da cidade, a fim de promover discussões sobre arte, cultura, religião, educação e sociedade, e também a realização de trabalhos de cunho social, cultural e intelectual para a população vigiense.

A Sociedade Cinco de Agosto promoveu discussões variadas, compatíveis com as que circulavam no Brasil: literárias, de origem nacional e universal, ligadas à religião e política. Um espaço idealizado para ser o centro de leituras em jornais e em livros e de discussões políticas. (ARAÚJO, 2011, p.39).

A idade em que Ester tinha ao se tornar sócia da Sociedade chama a atenção, uma vez que aos 14 anos ainda se é muito nova para conviver em espaços restritos aos intelectuais da época. As mulheres também não possuíam muito espaço nesses locais, compostos, em sua maioria, por homens, em virtude da sociedade patriarcal fortemente presente ainda no século XX. Isso mostra que a família de Ester, que também era da elite intelectual da cidade, a estimulava a participar, frequentar e conviver nos espaços promovidos pela classe intelectual.

Após concluir seus estudos iniciais, muda-se com a família para capital, Belém, onde é matriculada na antiga Escola Normal do Pará e aos 20 anos recebe o diploma de normalista, no dia 27 de novembro de 1908.

Nos grandes centros urbanos, pouco a pouco, essas famílias vão transferindo essa responsabilidade a colégios particulares. Os colégios secundários femininos, em número menor do que os masculinos, lentamente foram se organizando a partir da década de 50. Localizados principalmente na Corte e nas capitais das províncias, funcionavam como centro de reuniões da elite, mais notórios pelas festas que realizavam do que pela qualidade do ensino que proporcionavam. (LOPES, 2011, p.119-120).

Ester, já formada, começa então a lecionar em grupos escolares de Belém, entre eles o já extinto colégio “Progresso Paraense”. E por muitos anos teve o magistério como seu principal meio de trabalho e sustento. Por sua dedicação à docência, conseguiu respeito e admiração, sendo agraciada com várias medalhas, como a de comemoração do Centenário da Escola Normal, e também

¹ Livro de sócios da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”, dos anos de 1902 a 1915, p.7. Esse livro encontra-se na sede da Sociedade, em Vigia/PA.

homenagens, as quais se pode destacar a de “Professora do ano”, escolhida pela Sociedade Paraense de Educação, e a de Honra ao Mérito, outorgada pela Câmara Municipal de Belém, em 1960.

Ela casa com David Jaime Bibas e passa a se chamar Ester Nunes Bibas. Durante seu casamento, tem cinco filhos, destacando-se Gratuliano Nunes Bibas, major do Exército, escritor e fotógrafo e Thereza Nunes Bibas², escritora e educadora. Esses também herdaram da família a paixão pelas artes e, certamente, tal como aconteceu com a mãe, tiveram contato desde cedo com o meio letrado.

A autora também fez parte do Núcleo Paraense pelo Progresso Feminino, que foi fundado oficialmente em 21 de junho de 1931. Tinha 43 anos quando a organização torna-se concreta e aparece como uma das diretoras no registro de nomes das sufragistas paraenses que estavam à frente do movimento. Essas mulheres possuíam expressão e voz no meio letrado, acesso à imprensa e alto nível intelectual. Eram jornalistas, professoras, poetisas, cantoras, profissionais liberais etc. E a produção artística de algumas delas era reproduzida nos jornais e revistas de Belém e cidades próximas. O núcleo constituía-se, portanto, de nomes reconhecidos no meio artístico e intelectual paraense.

Constituindo-se uma diretoria provisória sendo indicada Presidente de Honra a esposa de Justo Chermont, Izabel Justo Chermont. Os demais cargos são ocupados respectivamente pelas organizadoras do movimento: Presidente: Elmira Lima; Vice: Ana Leopoldina Borges Pereira; 1ª Secretária: Cloris Silva; 2ª Secretária: Antonina Prado; 3ª Secretária: Feliz Benoliel de Cavaco; Diretoras: Olímpia Martins, Helena Souza, Marieta Campos, Juanita Machado, Pétala Pfänder, Ester Nunes Bibas, Maria da Costa Paraense, Dolores Nunes; Tesoureira: Olga Paes de Andrade; Colaboradoras: Hermínia Flávia de Miranda, Maria de Jesus Marques Alves, Carmem Rodrigues de Souza, Edith Barriga Cavalcante, Clara Martins, Zuleika de Carvalho Nobre, Ana Fonseca e Antonia Rodrigues de Souza. (ALVARES, 2011, não paginado).

O principal objetivo do movimento era estimular uma maior mobilização das mulheres paraenses para a luta feminista, que tinha como pauta a liberdade, a autonomia das mulheres e igualdade de direitos nos diferentes espaços sociais, como o direito ao voto, que foi conquistado em 1932, um ano depois da fundação do núcleo em Belém, sendo considerada uma das grandes vitórias do movimento feminista no Brasil e no mundo durante o século XX.

Ester, portanto, teve uma vida bastante ativa e permaneceu no exercício do magistério até os 70 anos, quando se aposenta e passa a ser orientadora de ensino. A profissão de professora a acompanhou durante muitas décadas, mesmo com filhos e, posteriormente, com a idade avançada, não parou de trabalhar, foram 50 anos dedicados à arte de ensinar. O que fez dela uma educadora muito respeitada no espaço educacional no Pará, principalmente em Belém e Vigia.

Vale lembrar que o magistério não significava apenas uma profissão assalariada, mas também uma forma de libertação das mulheres, pois foi por meio dele que muitas puderam se libertar da vida doméstica, ligada aos filhos e ao lar, conquistaram independência financeira e conseguiram se inserir em outros espaços da sociedade.

² Thereza Bibas, filha de Ester, também foi uma educadora reconhecida em Belém, tal como a mãe, e durante muitos anos manteve uma escola de ensino infantil chamada “Casinha do Menino Jesus”.

Para as professoras primárias da primeira metade do século XX, o magistério foi o ponto de partida, foi o possível no momento histórico em que viveram. Significou o trânsito do invisível para a visibilidade e a realização de algo que não fosse o único e prestigiado serviço doméstico, como reduto privilegiado da feminilidade. O magistério era o trabalho intelectual e assalariado sem conotação pejorativa; (...) conferia mobilidade social, maior liberdade e respeito entre as classes trabalhadoras, e possibilitava bem estar econômico. (ALMEIDA, 2004, p.6).

Ester, assim como muitas mulheres de seu tempo que viviam na sociedade patriarcal do século XX, pode ter encontrado no magistério uma chance para uma vida nova, de independência e liberdade, que lhe proporcionou anos de muito amor e dedicação pela profissão, mesmo após estar casada e com filhos.

2. A escritora vigiense e sua produção literária

Ester, além de mulher letrada, feminista e educadora, também fez carreira como escritora. Segundo Meira, Ildone & Castro (1990), ela publicou nos jornais *A Província do Pará*, *Folha do Norte*, *O Estado do Pará*, *O Vigiense* e *O Cinco de Agosto*, e os livros *Páginas Brasileiras* e *Rimas do Coração*. Foi por meio de suas publicações nos jornais e revistas do Estado que começou a ser reconhecida e respeitada no meio jornalístico, artístico e literário do século XX.

Durante a pesquisa em jornais, livros e revistas, houve dificuldade em localizar as publicações de Ester. Talvez, por virtude dos anos, esses documentos se perderam, havendo, portanto, a necessidade de se pesquisar e aprofundar ainda mais para escavar e resgatar os textos produzidos por ela. E embora não se tenha encontrado publicações da Ester nos jornais da capital; em sua cidade natal, Vigia, foi possível recolher algumas informações sobre ela.

Em visita à sede da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”, foram encontrados dois jornais vigienses que faziam referência a ela enquanto escritora e poeta, sendo estes os já citados *O Cinco de Agosto* e *O Vigiense*. No primeiro, Ester publicou uma de suas poesias chamada *Minha Prece à Virgem de Nazaré*, em 10 de setembro de 1939; tal jornal era órgão da Sociedade Beneficente e Literária Cinco de Agosto, da qual a autora fazia parte como sócia.



(BIBAS, 1939)

A autora era muito religiosa, sendo observada a presença de sua devoção no poema publicado, uma vez que o eu lírico, em um monólogo, fala com a Virgem de Nazaré e conta a ela suas angústias. A data da publicação corresponde ao segundo domingo de setembro, no qual se realizava e se realiza até os dias de hoje o cívico da cidade de Vigia, que tem a Virgem de Nazaré como padroeira. É necessário dizer que os jornais do início do século XX possuíram um importante papel para a inserção das mulheres no campo das letras, uma vez que “serviam à circulação e divulgação de textos literários também para as escritoras, uma forma de alcançar certa visibilidade intelectual, de discutir, de participar da ‘conversa’.” (DUARTE e PAIVA, 2009, p.4).

Ester aparece novamente no jornal *O Cinco de Agosto*, em texto do então Presidente Raul Ferreira. Esse texto relata sobre os últimos acontecimentos que ocorreram na Sociedade e a autora é citada em virtude da doação de um livro que iria fazer para a biblioteca da sede, como mostra o trecho abaixo:

Outra nossa conterrânea, professora Esther Nunes Bibas, intelectual de mérito e brilhante poetiza, dirigiu-nos expressiva carta em que nos comunica o seu desejo de, pessoalmente, entregar nesta casa um livro adequado que, de algum modo, contribua ou sirva de estímulo ao progresso cultural de Vigia. (FERREIRA, 1939, p.2).

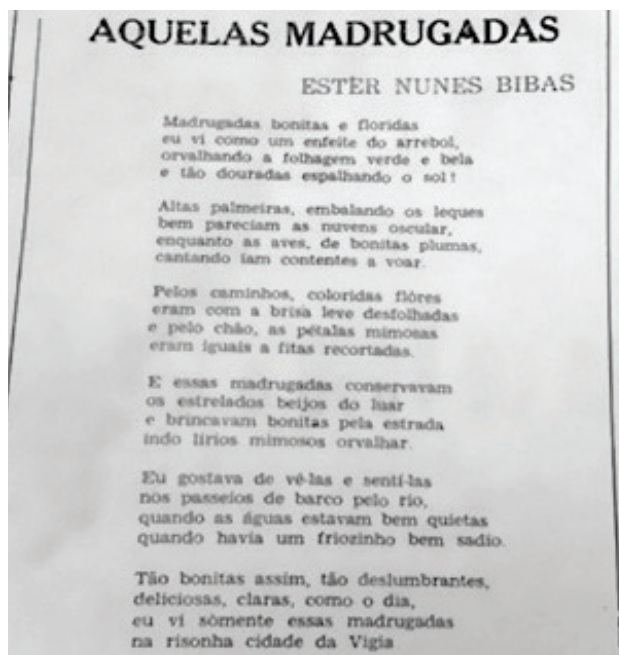
É perceptível, ao analisarmos esse trecho, que Ester era muito querida e respeitada em sua cidade natal. Ser chamada e reconhecida como “intelectual” e “brilhante”, infelizmente não eram adjetivos comuns às mulheres escritoras nos jornais da época, somente aquelas que tinham muito prestígio na sociedade constituíam-se como merecedoras de tais elogios.

A autora contribuiu de maneira significativa para a educação e cultura de Vigia, por meio de seus livros, publicações em jornais, doações de livros, visitas frequentes à cidade e sua participação em solenidades, festas e reuniões intelectuais. Sendo observados, até os dias atuais, resquícios de sua colaboração, como por exemplo a escola “Prof.^a Ester Nunes Bibas”, que possui seu nome e está localizada no Bairro do Arapiranga, em Vigia.

Ser reconhecida como escritora, intelectual e mulher de letras não foi tarefa fácil para nenhuma mulher do século XX. Foi necessário muita luta e resistência para ser aceita nos diferentes espaços sociais, visto que:

Conquistado o direito de se educar e de educar a outras, as mulheres precisavam ainda ultrapassar fronteiras que as limitavam a um universo mais restrito, aos alargamentos dos papéis de mãe dedicada e de boa esposa. A literatura foi uma forma encontrada por elas para ampliar sua participação na vida pública, primeiro por meio de um espaço semipúblico, (...). Depois, pela participação em eventos do cenário cultural e literário e por sua crescente publicação em jornais e revistas especializadas. (DUARTE e PAIVA, 2009, p. 13).

O *Vigilense* foi o segundo jornal da cidade que continha informações sobre a autora. Nele, ela publica outra poesia intitulada *Aquelas Madrugadas*, em 18 de outubro de 1964. O poema se refere às bonitas madrugada que Ester gostava de contemplar e que eram encontradas somente em Vigia.



(BIBAS, 1964)

O aumento das publicações de mulheres em jornais mostrava, portanto, que as reivindicações do movimento feminista por liberdade e igualdade de direitos estavam repercutindo e que o ato de “Escrever (...) permitia às mulheres escritoras do período, refletirem sobre o lugar feminino na sociedade, questioná-lo, mas, sobretudo traçar novas possibilidades de realização, enquanto inscreviam-se como autoras.” (ROCHA, 2013, p.11).

Esther, além de poeta, também escreveu e coordenou uma coleção didática, de 05 volumes, para o atendimento de professores e alunos da primeira à quinta série do ensino primário, que auxiliaram a educação pública do estado do Pará e de Minas Gerais. A coleção recebeu o nome de *Páginas Brasileiras* e foi publicada pela Editora do Brasil, com várias edições entre os anos 1957 e 1967.



(BIBAS, 1957)

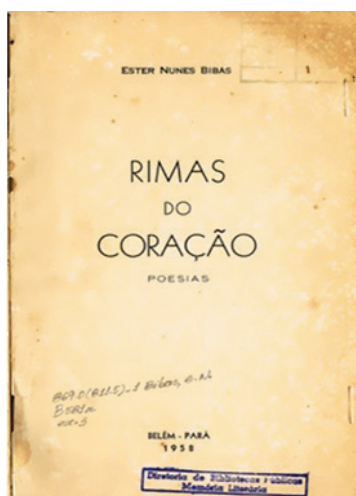
Essa coleção reunia alguns textos de sua autoria e outros autores renomados, do Pará e demais Estados do Brasil. Esses textos eram acompanhados de vocabulários, exercícios e apresentavam capítulos dedicados à literatura paraense e brasileira, História do Pará e do Brasil, noções de

higiene e conhecimentos científicos relacionados à anatomia e fisiologia.

É digno de nota que tal coleção foi publicada durante o início da Nova República, segundo Corrêa (2014, p.8), e a influência do pensamento positivista é observada nos escritos de Ester. Para ela, o patriotismo deveria ser exaltado desde a infância, a fim de que os jovens pudessem amar, valorizar e contribuir para o crescimento do país. Tal pensamento da autora é resultado de uma ideologia pensada, planejada e implantada pelos que detinham o poder, para ser seguida e disseminada pela “massa”, ou seja, pelo povo brasileiro, como é possível observar no seguinte trecho:

Ama tua escola. Defende-a o templo em cujo altar está a linda Bandeira do Brasil. Respeita e ama teus professores que são guias do teu futuro. Nunca seja vadio. O trabalho enobrece e dá valor à vida. Estuda para sêres um dia alguém. A Pátria espera tudo de ti. (...) Orgulha-se de teu uniforme e traze-o sempre limpo (...). Procura sempre ter bons livros. A boa leitura é luz para o coração (...). Sê disciplinado! Não zombe das mestras e dos colegas. A educação a isso te recomenda. Que teu coração diga-te sempre com amor e carinho: Deus – Pátria – Lar – Escola. (BIBAS, 1967, p.7).

Em 1958, aos 70 anos, seu livro de poesias intitulado *Rimas do Coração* é publicado e foi uma de suas maiores alegrias em vida. O livro contém 43 poesias escritas pela autora durante sua história enquanto mulher, mãe, professora e escritora, e foi preparado por sua filha Thereza Nunes Bibas, como forma de homenagem aos 70 anos de Esther.



(BIBAS, 1958)

Nesse livro, as poesias são simples, mas carregadas de muita beleza e significados. Ester escreve sobre o cotidiano, família, amor e saudade. É possível ser transportada para os tempos de outrora e sentir o amor e o prazer da autora pela escrita literária em seus poemas. É uma poesia que penetra e que encanta, não pela sua complexidade, mas sim pela leveza, simplicidade e sinceridade contida nos seus versos.

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria

outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. (PAZ, 1982, p.15).

Ester foi, portanto, uma pessoa atuante e reconhecida durante sua vida enquanto educadora, escritora e mulher letrada. Ela foi uma intelectual que lutou pelo que acreditava, apoiou lutas importantes e fez das letras parte essencial em sua vida. No entanto, hoje é possível observar que pouco se sabe a respeito de quem foi essa importante mulher, mesmo tendo contribuído de maneira significativa no meio educacional e literário do Pará do século XX. Sendo, assim como outras pensadoras paraenses, uma escritora pouco conhecida, lida e estudada tanto pela academia quanto por leitores de literatura, em especial, paraense.

3. As memórias da escritora em *Rimas do Coração*

Ao ler os poemas contidos na obra *Rimas do Coração*, foi possível observar que a maioria deles possuía um ponto em comum: falavam de memória. A partir disso, surge a curiosidade e necessidade de observar e discutir a presença da memória na literatura poética de Ester, uma vez que, segundo Le Goff (2003, p.469), a memória é um elemento fundamental para a construção da identidade do indivíduo, visto que é a partir dela que ele consegue conhecer e compreender a si mesmo e ao outro. Pode-se entender, portanto, que a memória e a identidade estão intrinsecamente ligadas, sendo uma essencial à outra, pelo fato de que quando o sujeito recorda momentos de seu passado, ele está, ao mesmo tempo, em processo de reconhecimento e formação enquanto ser social.

Em seus poemas, Ester olha o passado e constrói seu presente. O ato de recordar é uma experiência realizada pelo espírito, pela alma. Ela recorda e transcreve suas memórias em folhas de papel, talvez com o desejo de eternizá-las, afinal “Como salvar sua lembrança senão escrevendo sobre ela, fixando assim seus traços cada vez mais fugidios?” (BOSI, 1987, p.333). Assim, seus leitores não só compartilham das memórias da autora como também recordam de suas próprias, uma vez que a memória está presente no interior do indivíduo e ressurgue sempre que este a exercita.

Portanto, recordamos conhecimento, mas também recordamos sensações. A memória, em efeito, penetra em todos os aspectos da nossa vida mental. (...) A memória está sempre operante no nosso espírito; ler este livro, procurar um amigo, pensar nas notícias, tudo isso é, em parte, exercícios da memória. (FENTRESS & WICKHAM, 1992, p.17).

A memória se constitui enquanto capacidade de relembrar experiências ou acontecimentos que ocorreram no passado e se faz presente durante toda vida do ser humano. Segundo BOSI (1987, p.39), as recordações são como um diamante bruto que necessita ser lapidado pela alma, e o sentimento deve acompanhá-las para que não sejam apenas uma repetição do passado, mas algo que possua um valor significativo e sentimental para quem recorda.

A poeta compartilha com os leitores as memórias que guardava em seu pensamento de sua cidade natal, Vigia, contando sobre a história, os costumes, as tradições, sua infância, os lugares que a marcaram, as comidas, passeios pelo rio, madrugadas, cheiros, sabores e sensações, numa mistura de sinestesia e saudade da cidade em que nasceu, uma vez que “Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história.” (BOSI, 1987, p 339). Além de também falar sobre sua família, amor, fé, trabalho e pensamentos reflexivos sobre o mundo e a sociedade.

Venho de longe, de rios e igarapés de águas claras, estradas bonitas, luares estrelados, numa cidade flor, cheirosa a jasmim e malva rosa.

Venho da terra formosa de serenatas, violões, açaí, madrugadas lindas e crepúsculos incomparáveis!

Sinto ainda, como num sonho feliz, a carícia do banho de água salgada, a alegria dos passeios, em barcos à vela, o encanto das margens verdes, pelas quais corre, assustado, o guará bonito de pernas vermelhas.

Na saudade, volto à minha infância venturosa, ouço alegremente o sino da igreja, soando Ave Maria, quando eu, criança ainda, rezava à Virgem Maria do Céu!

Venho de campinas floridas e gorjeios da passarada azul, da terra de meus pais, a minha cidade flor – Vigia!

Fui e sou ainda como a árvore frondosa!

Floresci, dei frutos e sombra.

Meus ramos, viçosos, multiplicaram-se em flores e ainda hoje há um sol que os afaga, nos sorrisos de meus netos e netas.

Cresci à sombra de carinhos e afetos, fortaleci-me na beleza dos campos, ao ar livre, pisando, descalça, ervas macias, cheias de orvalho e depois, sorrindo à vida, recebi a mocidade em róseas taças de luares, estudei, casei, multipliquei-me e hoje vejo, sinto que vivo noutras vidas, glorificada pelo meu grande amor de Mãe!

Meus ramos ainda ascendem ao Azul e vão buscar na luz das estrelas, o perfume e o vigor, que oferecem à haste a fortaleza necessária para vencer as intempéries!

Portanto, “ainda há sol em minha vida” no inverno de meus cabelos e foi a velhice que me deu inspiração para escrever os versos deste livro. (BIBAS, 1958, p.5).

O texto acima foi escrito por Ester como forma de apresentação do livro, nele a poeta anuncia sobre o que vai escrever, como quem avisa aos leitores o que eles irão encontrar no decorrer da obra. Nessa apresentação, ela relata sobre sua origem, sua infância, os estudos, casamento, filhos e os vários lugares e acontecimentos que marcaram sua vida, tais como a cidade de Vigia, que, segundo ela, possui belezas e encantos incomparáveis. Compara-se a uma árvore grandiosa que cresceu, floresceu e deu frutos. E que, depois de muito ter vivido, observa com carinho o seu legado.

Em algumas partes do texto, é possível observar a presença das memórias da autora, como no trecho “Na saudade, volto à minha infância venturosa, ouço alegremente o sino da igreja, soando Ave Maria, quando eu, criança ainda, rezava à Virgem Maria do Céu!” em que ela rememora, com saudosismo, seu tempo de menina, de quando ouvia o sino da igreja e das orações que fazia à sua santa na cidade de Vigia. E no fragmento “Portanto, ‘ainda há sol em minha vida’ no inverno de meus cabelos e foi a velhice que me deu inspiração para escrever os versos deste livro.”, no qual Ester recorre à metáfora - figura de linguagem usada quando se deseja substituir um termo por outro, por meio de uma comparação não explícita - para falar sobre a fase em que vive, sendo estas: “ainda há sol em minha vida” e “no inverno de meus cabelos”. Na primeira metáfora ela utiliza a figura do sol, que fornece luz e calor aos seres vivos, para explicar que, embora esteja com uma idade avançada, ainda possui energia, alegria, vontade de viver e que é forte e resiste mesmo com

as dificuldades da vida; na segunda, a autora relaciona o inverno, que é frio, chuvoso, nublado e em algumas partes do mundo há a presença de neve, com a cor de seus cabelos, brancos ou cinzas, comuns nessa fase da vida.

A memória enquanto parte da identidade de um indivíduo, está sempre presente em suas vidas. No entanto, ela necessita de suportes materiais, como os lugares para que as recordações sejam evocadas, uma vez que, segundo Nora (1993, p.25), a memória fixa-se em lugares, assim como a história em acontecimentos. Na poesia de Ester, os lugares físicos são constantemente mencionados e a cidade de Vigia, na qual a escritora nasceu, se constitui como um lugar importante e de grande valor sentimental em sua vida.

Halbwachs (1990, p.25) afirma que “quando regressamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstruir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas”. Portanto, as viagens feitas pela poeta à cidade de Vigia, com certeza, significava muito para ela, pois podia rememorar momentos passados que estavam guardados em lugares como a casa em que morou, a igreja, as ruas etc. E, de volta a Belém, transformava em poesia o que vivia e revivia naquela cidade.

Outro elemento presente nas memórias da autora são os laços afetivos que tornam-se importantes para a análise, visto que, segundo Bosi (1987, p.344), as recordações de um grupo doméstico, isto é, de uma família, persistem gravadas em cada um dos membros que a compõem e formam uma memória ao mesmo tempo única e diferenciada, uma vez que, ao se trocar ideias e dialogar sobre as coisas, os vínculos afetivos se fortalecem, sendo difícil a sua separação, mesmo que os membros já não façam mais parte dele. Esse vínculo afetivo pode ser observado no poema a seguir, denominado *Retrato de Minha Filha*, no qual relata sobre a relação afetiva e familiar de Ester com uma de suas filhas.

Cuidado, minha filha! Pequenina,
foste o botão em flor de minha vida
e hoje, que estou velha,
és tu ainda a amiga mais querida!
Ouve, portanto, e grava na memória
o que te vou dizer e vou pedir,
como ouvias, paciente, a linda história,
daquelas que eu te contava antigamente:
lembras?
O tempo vai e nunca mais volta!
É veloz, traiçoeiro, mentiroso
e cantando mil poemas de ilusões,
vem sempre sorridente, audacioso... (BIBAS, 1958, p.38-39-40).

Nesses versos, é perceptível a relação de afetividade entre mãe e filha. A poeta mostra preocupação com os caminhos da moça e pede a ela que tenha cuidado. Diz ainda que, apesar de já estar na velhice, a filha continua sendo sua amiga mais querida. Essas relações entre membros de uma mesma família são importantes para a memória, tanto individual quanto coletiva desses indivíduos. Em contato uns com os outros, momentos passados são sempre rememorados e compartilhados entre o grupo, enraizando, assim, a memória nos espaços familiares e fortalecendo o vínculo entre os membros.

O espaço familiar, como a casa e os objetos que nela se encontram, é essencial para o fortalecimento das relações afetivas entre os membros de uma família e de suas memórias individuais e coletivas.

Quando fui moça, tive minhas tranças
em fitas presas, que formavam laços,
como tu, também tive o meu retrato,
com a mesma rugazinha audaciosa...
Ao teu cabelo, ondulado e lindo,
igual eu tive, outrora, muito escuro,
e meu sorriso tinha mais franqueza,
mais mentira, talvez menos beleza!
E quantas rosas desfolhei então,
quantos sonhos guardei no coração!
Olhando teu retrato,
refletindo teu rosto tão sereno,
venho dizer-te que sentir eu quero
noutra fotografia,
ausência de cuidados e saudades,
mas um sorriso bem suave e lindo,
noivando com tua flor de mocidade! (BIBAS, 1958, p.38-39-40).

Nesse fragmento, a mãe diz para a filha que retire a pequena ruga de preocupações de seu jovem rosto e recomenda que ela procure, sempre que possível, descobrir e sentir, nessa fase de sua vida, o conforto e a doçura que há no amor. Sabe-se que a adolescência é uma passagem complexa para grande parte dos jovens, a imaturidade faz com que problemas desnecessários apareçam e trazem junto com eles a ansiedade e insatisfação com o que está ao seu redor. Por isso a mãe pede para a filha contemplar as coisas belas da vida, sem se preocupar com o supérfluo, e olhar com esperança para o horizonte, para o futuro que se aproxima.

Ester volta ao passado e recorda de sua mocidade e das tranças de seus cabelos, que eram presas em laços de fitas. Relata ainda que, assim como a filha, também tinha a pequena ruga atrevida em seu semblante jovial, que vez ou outra trazia a ela preocupações desnecessárias e sonhos cheios de ilusão. A memória dos momentos passados, segundo Nora (1993, p.9), se enraíza no que é palpável, no espaço, na imagem, no gesto, no objeto. Sendo, esses pontos, observados nos versos do poema.

A relação familiar e afetiva é observada no poema de Ester por meio do elo que ela estabelece com sua filha. Esse poema representa a relação de amor, amizade e confiança que a poeta possui com a filha, é uma forma poética de dar conselhos para a menina que está adentrando na juventude. A autora recorre à memória para recordar de sua juventude e aconselhar a filha sobre dos caminhos que deve seguir. Enxerga, na imagem da filha, o que era quando estava na mesma fase e, por isso, sente saudade de sua mocidade. Ela fala da filha amada e de si mesma, de modo que cada uma representa parte importante no desenvolvimento da outra.

Os momentos que os membros de uma família vivenciam em conjunto ficam guardados em suas memórias e serão evocados sempre que desejados, haja vista que, segundo Halbwachs (1990, p.143), as lembranças não permaneceriam em nosso espírito se não fosse possível recuperar o pas-

sado conservado no meio material que permeia os indivíduos. A poeta era, portanto, uma mulher madura e que sabia lidar com as letras, pois envolve e encanta de mansinho os seus leitores, ávidos por uma poesia singela, adocicada e cotidiana. A autora domina a difícil arte da simplicidade na escrita poética, sendo essa simplicidade a principal marca de sua produção literária, assim como marca da própria poeta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo foi possível conhecer um pouco sobre quem foi Ester Nunes Bibas, os caminhos pelos quais percorreu durante sua vida, a sua importância e de seus escritos para o meio educacional e, principalmente, literário paraense. Também se conseguiu observar e discutir a presença das memórias em suas poesias, analisando, a partir de poemas do livro *Rimas do Coração*, alguns elementos que são importantes para a construção e desenvolvimento da memória de recordações passadas, como a memória individual, coletiva, de lugar e afetiva nos sujeitos sociais e, especialmente, na vida da poeta e seus escritos.

As recordações de lugares e momentos vividos pela escritora foram essenciais para o processo de entendimento de suas poesias, pensamentos e de sua vida enquanto mulher. Ester escreveu a maioria de suas poesias durante a velhice, viveu até seus 84 anos e era, assim como grande parte dos idosos, experiente e dona de muita sabedoria, por isso a presença de suas memórias é tão forte e frequente em sua literatura poética. Sua alma e coração eram cheios de saudosismo, de desejo de viver e de, sempre que possível, evocar e recordar do passado.

Espera-se, portanto, que, a partir desse estudo, mais pessoas possam se interessar pela poeta e realizar trabalhos futuros sobre ela e sua produção, uma vez que há ainda um número muito pequeno de pesquisas nesse enfoque, com o intuito de divulgar e valorizar essa importante escritora, que foi e continua sendo, assim como outras pensadoras, uma intelectual pouco conhecida, lida e estudada tanto pela academia quanto por leitores de literatura, em especial, paraense. Além de ser também reconhecida em sua cidade natal e ter lugar de destaque na produção intelectual, como possuem outros autores do século XX.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. *As professoras no século XX: as mulheres como educadoras da infância*. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação, 2004. Disponível em: <sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo3/482.pdf>. Acesso em: 20 Set. 2015.

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. *A luta pelo direito ao voto das mulheres e o sufrágio paraense (1992-1932)*. Política e Crônicas, Belém, 26 Fev. 2011. Disponível em: <http://politicaecronicas.blogspot.com.br/2011_02_01_archive.html> Acesso em: 20 Ago. 2015.

ARAÚJO, Joseane Sousa. *Arquivos, bibliotecas e periódicos na Vigia oitocentista*. 2011. 171 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Letras.

BIBAS, Ester Nunes, (1964). *Aquelas Madrugadas*. Jornal O Vigilense. 18 de outubro de 1964, p.2. Acervo: Biblioteca da Cinco de Agosto. Vigia/PA. (Imagem 3).

_____, (1939). *Minha Prece à Virgem de Nazaré*. Jornal O Cinco de Agosto, 10 Setembro, p.9. Acervo: Biblioteca da Cinco de Agosto. Vigia/PA. (Imagem 2).

_____. *Páginas Brasileiras*, Terceiro Livro, Editora do Brasil, 1967.

_____. *Páginas Brasileiras*, Quinto Ano, Seleta, Editora do Brasil, Coleção Didática de Minas Gerais, 1957. (Imagem 4).

_____. *Rimas do Coração – Poesias*. Editora H. Barra. Belém. 1958. Acervo: Biblioteca pública “Arthur Viana”. Belém/PA. (Imagem 5).

CORRÊA, Ana Maria Maciel. *A Educação Em Tempos Republicanos Na Obra De Ester Nunes Bibas*. UFPA, 2014.

_____. A Trajetória De Uma Educadora E Sua Produção Didático_Pedagógica: Ester Nunes Bibas E A Educação Do Pará. Ana Maria Maciel Corrêa, 2017. <http://ppgedufpa.com.br/arquivos/File/anamariamaciell.pdf>. (Imagem 1).

DUARTE, Constância Lima; PAIVA, Kelen Benfenatti. *A mulher de letras: nos rastros de uma história*. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 11 - 19, jul./dez. 2009. Disponível em: <www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/10/a-mulher-de-letras.pdf>. Acesso em: 21 Jul. 2015

ESTER NUNES BIBAS. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [S.I.], 1 Maio 2011. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Esther_Nunes_Bibas>. Acesso em: 20 Ago. 2015.

FERREIRA, Raul, (1939). *Sociedade Cinco de Agosto – Relatório*. Jornal O Cinco de Agosto, 24 Setembro, p.2. Acervo: Biblioteca da Cinco de Agosto. Vigia/PA.

LIVRO DE SÓCIOS DA SOCIEDADE LITERÁRIA E BENEFICENTE “CINCO DE AGOSTO”, dos anos de 1902 à 1915. Acervo: Biblioteca da Cinco de Agosto. Vigia/PA.

LOPES, Silvana Fernandes. “Retratos” De Mulheres Na Literatura Brasileira Do Século XIX. Revista Plures Humanidades, Ribeirão Preto, ano 12, n. 15, p. 117-140, jan. 2011. Disponível em: <seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/download/7/pdf>. Acesso: 20 Ago. 2015.

MEIRA, Clovis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (Orgs.). *Introdução à literatura no Pará* (Vol. 3 e 4). Belém/PA: CEJUP, 1990.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ROCHA, Olivia Candeia Lima. *Feminismo e Escrita De Mulheres No Piauí (1875-1925)*. 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364699481_ARQUIVO_OLIVIAROCHAANPUH2013.pdf>. Acesso em 22 Maio 2015.